

## DIÁSPORA, IDENTIDADE E DESLOCAMENTOS EM DANY LAFERRIÈRE

Karla Andrea Cândido Rêgo Soares<sup>1</sup>

*Resumo:* Esse artigo propõe estudar como o sujeito da diáspora é visto na visão do colonizador no romance de Dany Laferrière “Como fazer amor com um negro sem se cansar” (1985). Usando de recortes teóricos do conceito de hibridização, desterritorialização, assim como dos estudos Pós-Coloniais fundamentados por Stuart Hall, Homi Bhabha, Bonnici e outros, sobre cultura, diáspora e identidade cultural. O estudo pretende compreender a representação da identidade do negro na diáspora, de suas manifestações culturais, da concepção de sujeito construída e assumida nesse processo diaspórico. Com isso esse sujeito estabelece uma hegemonia de valores que ele vai compartilhar com essa nova sociedade, estabelecendo parâmetros de interligações entre sua cultura e a do Outro, falando de um entre lugar que segundo Bhabha (1998) gera uma discussão sobre a identidade e o espaço de onde ele sujeito fala.

*Palavras-Chave:* Diáspora. Identidade. Deslocamentos. Laferrière. Literatura haitiana.

## DIASPORA, IDENTITY AND DISPLACEMENT IN DANY LAFERRIÈRE

*Abstract:* This article proposes to study how the subject of the Diaspora is seen in the colonizer's view on the novel by Dany Laferrière “How to make love with a black without tiring” (1985). Using theoretical cut-outs of the concept of hybridization, deterritorialisation, as well as the Postcolonial studies founded by

---

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia, Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), sob a orientação da Profa. Dra. Marília Pimentel Contiguiba. Endereço eletrônico: ka\_andrea14@hotmail.com.

Stuart Hall, Homi Bhabha, Bonnici and others, on culture, diaspora and cultural identity. The study aims to understand the representation of the identity of the black diaspora, of cultural expressions; the conception of the subject constructed and assumed that diasporic process. Thus this subject establishes a hegemonic values that he will share with this new society, establishing parameters of interconnections between their culture and the Other, we are talking about a place from which according Bhabha (1998) generates a discussion on identity and the space where it subject speaks.

*Keywords:* Diaspora. Identity. Displacement. Laferrière. Literature Haitian.

## Introdução

Atualmente a temática da diáspora é amplamente discutida, isto deve-se ao fato dos estudos Pós-Coloniais abordarem essa escrita de diáspora, a resistência e os deslocamentos do sujeito na pós-modernidade, buscando referir-se a esse sujeito diaspórico como um ser deslocado de sua cultura, de sua língua e de sua identidade.

Com isso os estudos pós-coloniais vão explorar a visão do colonizador sobre o colonizado, onde se pressupõe a ideia de que o colonizador é um ser sem cultura ou identidade, que necessita de uma nova cultura, de uma nova língua e necessitam assumir uma nova identidade. Nesse sentido, a cultura do sujeito diaspórico é entendida como retrógrada, sem importância e estática e deveria, portanto, ser exterminada para dar lugar à cultura do Outro, para que assim este possa fazer parte de uma comunidade.

Nesse contexto da diáspora a obra Como fazer amor com um negro sem se cansar se destaca por ser uma literatura que evidencia a diáspora no seu sentido mais amplo, pois retrata a visão do sujeito que vivencia esse processo.

Diante de tais evidências do processo diaspórico, Laferrière busca com sua obra transpor a visão que as pessoas têm do negro diaspórico e mostra o quanto esses foram subjugados e sujeitados a todo tipo de atrocidades durante os processos de colonização do Haiti e em meio às ditaduras que o país vivenciou.

Como exemplo dessa sujeição do colonizado ao colonizador, citamos a presença da sociedade francesa e americana no processo de colonização do Haiti, a qual trouxe grandes catástrofes à história da cultura haitiana. Pois para tornar-se uma sociedade livre da França, o Haiti sofreu embargos políticos e ficou à mercê da própria sorte impossibilitado de negociar com outros países e vender o açúcar e arroz, que eram as principais fontes de renda do país, com isso o país foi tornando-se cada vez mais empobrecido.

A permanência de tropas americanas de 1915 a 1934 trouxe um estereótipo da visão do negro como um ser bárbaro, sem cultura ou identidade, é importante entender que, ao mesmo tempo em que os haitianos tentavam se recuperar economicamente, também sofriam com os pré-conceitos estabelecidos por povos que colonizaram o país, e que de alguma forma esses imaginários da cultura e crença haitiana ainda são mal vistos, até hoje, por alguns haitianos e por pessoas que desconhecem a cultura haitiana.

Outro fator que trouxe muita opressão para o povo haitiano foi à criação da guarda nacional, que acabou por dar mais poderio político à ditadura Duvalier, que assolou o país por muitos anos e fez com que vários escritores e partidários contrários fossem exilados em outros países. Como bem retrata Laferrière (2012, p.17): “Bom, em resumo, esta é a situação neste começo dos anos 80 marcados por uma pedra preta na história da Civilização Negra”.

Em meio à invasão de suas terras e as ditaduras impostas os haitianos tiveram sua história silenciada e passaram a

incorporar a cultura e a visão do colonizador, no sentido de se sentirem diferente do Outro, buscando assim, uma forma de afirmação e ressignificação de sua identidade. Nesse sentido, nos propomos analisar na obra de Laferrière, como essa relação do Outro com o negro diaspórico tem afetado a sua identidade e como esses processos diaspóricos são recorrentes no Haiti, seja por causa da colonização, das ditaduras ou das catástrofes sofrida pelo país.

O autor propõe em sua obra um jogo de relações entre o branco e o negro, como forma de denunciar a sociedade segregadora e racista do início da década de 80 na cidade de Montreal. O enredo se passa num subúrbio da cidade, onde dois jovens negros e diaspóricos dividem um quarto-sala, os personagens Vieux e Buba passa a se relacionar com estudantes de uma das mais conceituadas universidades da cidade, mas essas relações secretas jamais poderão ser anunciadas à sociedade canadense. Para Laferrière (2012, p.28) estar exilado em outro país traz certo entrave nas relações que se estabelece com o Outro, como bem retrata o autor em um dos encontros fortuitos de Vieux e Miz Literatura:

Miz Literatura pode se permitir ter uma consciência limpa, clara e honesta. Ela pode. Quanto a mim, aprendi bem cedo que era preciso acabar com esse produto de luxo. Nada de consciência. Nada de paraíso perdido. Nada de terra prometida. Diz aí: em que uma consciência pode me ajudar? Só pode ser motivo de chateação para um Negro entupido até a boca de fantasias, de desejos e de sonhos frustrados. É simples: eu quero a América.

Laferrière retrata a experiência de ser diaspórico, através de um relato baseado em suas experiências enquanto exilado na cidade de Montreal, durante a ditadura de Duvalier. Com isso, sua escrita se constitui como uma denúncia a essa sociedade patriarcal e racista.

Nesse novo lugar o sujeito tenta ter vez, de onde ele busca ser ouvido, onde possa ter seus direitos e possa constituir-se nessa sociedade, como parte dela, mas não aniquilando a sua cultura e a sua identidade, mas sim agregar valores a essa.

Assim, busca-se nesse artigo tratar do conceito de identidades, deslocamento e diáspora desse sujeito que sai de seu país e assume uma nova identidade, de acordo com a bagagem cultural e social que este vivencia nesse “entre lugar”, que nem é sua terra natal, nem é a terra em que este sonha em construir sua vida.

### **Dany Laferrière**

O autor recebeu o nome de batismo de Windsor Kléber Laferrière, herança do pai, nasceu na cidade Porto Príncipe no ano de 1953, capital do Haiti, seu pai era jornalista e contrário ao regime ditatorial de François Duvalier, que esteve no poder durante 14 anos. No ano de 1959 seu pai exila-se em Nova York e temendo represálias à sua família sua mãe passa a chamá-lo de Dany Laferrière.

Já desde cedo Laferrière vive deslocamentos culturais e geográficos, primeiro aos quatro anos quando vai morar na casa da vó Ba, com sua mãe e suas tias em Petit Gôave, mas após uma epidemia de malária retorna a Porto Príncipe. Essa convivência só com figuras femininas marca a sua narrativa, que passa a explorar o universo feminino em grande parte de seus livros. Dando continuidade ao trabalho do pai torna-se jornalista, escritor e luta contra a sucessão da ditadura Duvalierista.

Dany Laferrière era partidário a luta do povo haitiano, pela reivindicação de seus direitos e contra as condições sociopolíticas que o país estava passando, durante as ditaduras,

questionava a composição dos sindicatos e como esses eram subvertidos pelas forças do Governo.

Na década de 70 passa a publicar reportagens sobre a primeira greve sindical haitiana, após a publicação dessas reportagens seu amigo Gasner Raymond é assassinado o que leva Dany a pensar na sua segurança e decide sair do Haiti com medo de ser o próximo a enfrentar represálias da ditadura Duvalier, então muda-se para Montreal onde passa a viver e escrever seus primeiros livros.

Sua escrita é marcada por uma busca da identidade do negro, por a aceitação e sobrevivência do sujeito da diáspora e por deslocamentos desses sujeitos entre o lugar real e o idealizado. Esse exílio de Laferrière permite que sua escrita aproxime dois mundos antagônicos — o haitiano e o canadense — permite que novas culturas sejam suscitadas a se hibridizarem nessa escrita de diáspora. Com isso, o autor se insere na literatura canadense com uma narrativa de migração, que revela a resistência, o exílio e o sentimento de desterritorialização do negro na diáspora.

## **Diáspora e deslocamentos**

Os processos migratórios são amplamente explorados nas literaturas caribenhas, essa ênfase na diáspora permite que outros circuitos literários tenham um novo olhar sobre a escrita, à cultura e identidade caribenha, principalmente num momento em que estas literaturas são amplamente discutidas e estudadas a partir do viés do Pós-Colonialismo.

O enfoque dado por estas literaturas ao sujeito da diáspora permite que várias vozes silenciadas pelo exílio ou pelo horror da guerra sejam postas em evidência, mantendo assim a identidade cultural desse sujeito.

Mesmo diante desse cenário de afirmação de uma cultura, sabemos que se encontrar em situação de diáspora leva

o sujeito assumir múltiplas identidades, a conviver com diversas culturas e tal processo acontece naturalmente pelo contato com o outro (estrangeiro). Laferrière (2012, p. 25) destaca em sua obra, que o negro diaspórico busca se espelhar na imagem do Outro, como destaca na fala do narrador-personagem:

Levo comigo para todo lado essa foto de Carole Laure<sup>2</sup>. Boca gulosa e olhos molhados ao lado do rosto alongado e doce de adolescente refinado de Lewis Furey. Ele tem muita cara de filhinho de papai, inteligente, sofisticado, doce, esperto até não poder mais, merda! Tudo o que eu adoraria ser.

O autor mostra com sua obra que o negro diaspórico se encontra vulnerável frente ao Outro, destaca a necessidade de afirmação da sua identidade frente ao branco, politizado, refinado e visto como bem-sucedido.

Numa análise detalhada da diáspora haitiana, esse processo de deslocamento era algo muito comum desde os primórdios da colonização do Haiti, se deslocavam em busca de novas terras para morarem, plantarem e para montar novas nações, esse processo se constituía de muitas dificuldades, mas era necessária a sobrevivência de muitas nações que tinham costumes e crenças diferentes.

Esse deslocamento, além das fronteiras de seu país, cria um espaço de diferenças sociais, étnicas e culturais que vão revelando a versão ao outro (outra pátria) pelo sujeito da diáspora.

Hall (2003, p.35) afirma que: “O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre dentro e fora”. Esse desejo do sujeito da diáspora em se afirmar enquanto imigrante num país de

---

<sup>2</sup> Atriz canadense casada com Lewis Furey, roteirista de cinema.

culturas diversificadas faz com que ele busque resistir a dominação do “Outro” e passe a assumir uma identidade multifacetada e ambígua, criando uma nova forma de se impor contra esse país novo, contra essa gente estranha, buscando dessa forma se afirmar enquanto estrangeiro (o Outro), através de sua língua e de sua cultura.

Bonnici (2009, p.133) corrobora com essa ideia ao ressaltar que: “O outro pode ser definido como alguém diferente de si próprio. O sujeito colonizado é o outro; o colonizador se caracteriza pela naturalidade e pela universalidade de sua cultura e de seu ponto de vista”. Dessa forma, o colonizador tenta impor de maneira velada uma nova cultura e uma nova língua ao sujeito da diáspora, e este se apropria de partes desse conhecimento que lhe foi repassado, construindo um processo de hibridização como forma de resistir a esse processo de aculturação.

E tais formas de resistência são próprias do sujeito da diáspora, essa busca por transgredir o que já vem ditado e determinado, esse constante confronto entre as diversas culturas traz à tona questões raciais e desigualdades vivenciadas em uma sociedade considerada diferente da do seu país de origem.

Como bem destaca Bonnici (2009, p.30): “[...] diáspora refere-se ao trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente saiu ou foi banido da sua terra e, vivendo num lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar”. Tais percepções quanto ao processo vivenciado na diáspora e o estranhamento do estrangeiro sob a visão do país que o acolhe, nos mostra como é difícil para muitos aceitar o novo, o diferente e o subalterno, com isso percebemos que muitas culturas estão sendo afetadas e suprimidas.

Diante de tais observações é possível perceber que as desigualdades e as supressões de uma cultura estão intimamente ligadas às relações de poder entre os que se conside-



ram maioria e uma “pequena minoria” que vivem à margem da sociedade, sem voz, sem vez e sem poderem se assumir enquanto sujeito dessa nova pátria.

### **A diáspora e deslocamentos no primeiro romance de Dany Laferrière**

É relevante saber que é corriqueiro nos romances haitianos a apreciação por uma discussão sobre a diáspora e os deslocamentos que os sujeitos, em processo de diáspora, vivenciam nesse percurso entre o país de origem e o país além-mar, um “entre lugar” que Bhabha (1998) apresenta como o lugar aonde o sujeito vai constituindo uma nova cultura e um discurso frente às diferenças de raça/classe e gênero.

Grande parte desses romances é escrito em língua inglesa e francesa, pelo fato desse povo ter sido colonizado tanto por americanos quanto por franceses, mas há uma forte cultura em escrita de livros em inglês crioulo, como uma forma de rejeitar ou ab-rogar a língua imposta pelos colonizadores.

Bonnicci (2009, p.38) afirma que:

A ab-rogação e a apropriação são posicionamentos políticos a favor da identidade ou de uma população cuja língua foi herdada no tempo colonial ou de um grupo de pessoas que, em suas publicações científicas e em outras ocasiões, se utiliza dessa mesma língua. Quando se propõe paridade em todas as formas de língua inglesa (a versão australiana, sul-africana, nigeriana, caribenha, guianense, gibraltarina etc.), a ab-rogação é um antídoto diante da hegemonia cultural do inglês, já que a língua sempre é adaptável e já que a mesma ferramenta serve para transformar e libertar.

Esse lugar de onde o sujeito da diáspora fala é um posicionamento frente à sua cultura, frente a essa nova cultura híbrida e uma forma de afirmação dos seus valores sociais e culturais, buscando assim subverter a cultura e a língua do colonizador.

No campo literário o romance caribenho vem ganhando destaque e vem tendo visibilidade pelas reflexões que este traz acerca da colonização, da diáspora caribenha, dos estudos de gênero e hibridismos muito recorrentes nessas literaturas.

Mesmo que estes escritores caribenhos vivenciem uma cultura híbrida, já que muitos deles escrevem fora do Caribe, mas sobre a cultura caribenha, esses conseguem se posicionar na sua subjetividade frente ao discurso dominante.

Diante de tais dominações, a escrita da diáspora vem fazer ouvir os discursos silenciados de pessoas à margem do cânone literário e de grupos minoritários, nesse quadro de autores que abordam esta temática podemos citar Edwidge Danticat, Pauline Melville e Dany Laferrière.

Nesse artigo nos atentaremos para o primeiro romance do escritor haitiano Laferrière, na referida obra é recorrente a problemática do sujeito na diáspora, o racismo (das universitárias brancas e de elite) e o silenciamento desses sujeitos. Em *Como fazer amor com um negro sem se cansar*, Dany permite que o leitor visualize ironias e ambiguidades (uma universitária manter romance secreto com um negro pobre e diaspórico), comuns na relação entre aquele que recebe este sujeito em outro território e entre esse sujeito desterritorializado.

Para Laferrière (2012, p.17) a visão que o acolhedor desse sujeito desterritorializado tem do negro na diáspora é uma visão deturpada que acaba subjetificando-o a uma cultura colonial e patriarcal:

Até parece que o período da Negritude acabou, has been, caput, finito, morto. Negro, out. Go home Nigger. A Grande Era Negra, já era! Hasta la vista, Negro. Last call, colored. Volta pra selva, Neguinho. Faz um haraquiri naquele lugar que só você sabe. Olha mamãe diz a jovem Branca, olha o Negro capado. Negro bom, responde o pai, é um negro sem bolas. Bom, em resumo, esta é situação neste começo dos anos 80 marcado por uma pedra preta na história da Civilização Negra.

Esse processo de sentir-se um ser que não pertence a esta nova cultura, e que é subjugado por sua raça ou classe, leva o sujeito da diáspora a viver em constante deslocamento, buscando um lugar onde ele possa ser visto como sujeito de uma comunidade.

Esses processos de deslocamento em Laferrière é recorrente na sua vida e em suas obras, e isso se constitui como movimento de exílio voluntário ou involuntário desse sujeito da diáspora, muitas vezes como uma forma de fugir dos horrores da guerra, da crueldade das ditaduras ou para esquivarem das assolções da pobreza e de desastres naturais em seu país de origem.

O estudo sobre esse processo diaspórico é amplamente discutido e estudado pelos estudos pós-coloniais, que exploram o negro na diáspora, suas identidades multifacetadas e o olhar do outro (colonizador) sobre as culturas desses sujeitos e a resistência frente às imposições do colonizador.

Hall (2003, p.27) afirma que: “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Com isso o negro assume a identidade de sujeito da diáspora, mas mantém a sua subjetividade frente à cultura dominante. Pois essa situação de deslocamento de uma cultura para outra vai produzindo uma cultura híbrida.

A ideia de uma terra de realizações, prosperidade e onde todos os seus sonhos serão realizados vai virando uma utopia, pois a realidade desse processo de acolhimento do sujeito da diáspora é bem distante dos seus ideais e a obra de Dany pontua bem este distanciamento da igualdade de oportunidades entre o colonizador e o colonizado, entre o nativo e o estrangeiro e entre o negro e o branco.

A obra *Como fazer amor com um negro sem se cansar* de Laferrière mostra-nos que a única forma de diminuir a distância entre as classes sociais menos favorecidas frente à classe dominante é a resistência da classe subalterna contra os ditames e regras impostas pela sociedade colonizadora.

Diante dos efeitos produzidos por práticas colonizadoras na obra, é que os personagens principais do romance buscam através do sexo despir-se de preconceitos atribuídos por uma cultura imposta pelo colonizador. Como bem retrata Laferrière (2012, 19): “Se você quer um resumo da guerra nuclear, ponha um Negro e uma branca na mesma cama”. No momento em que os dois amigos recebem senhoritas da mais alta classe puritana, esses passam a se igualar através do sexo, os sujeitos da diáspora deixam transparecer sua identidade, livre de ditames e amarras da visão do Outro.

Com isso o negro começa a reinventar seu espaço, a construir uma cultura híbrida, a se reinventar em oposição à cultura do colonizador, que na visão de Bhabha (1998, p. 62) “[...] o sujeito colonizado — semi-aquiescente, semi-opositor, jamais confiável — produz um problema irresolúvel de diferença cultural para a própria da autoridade cultural colonial”, já que na visão do colonizador o colonizado é sempre o sem cultura e sem identidade.

Esse olhar sobre qualquer cultura diferente da do colonizador faz surgir uma barreira, um choque entre culturas e raças, o que acaba por sobrepor uma cultura sobre a outra. Para Bauman (2012, p. 13):

A ideia de “cultura” serviu para reconciliar toda uma série de oposições enervantes pela sua incompatibilidade ostensiva: entre liberdade e necessidade, entre voluntário e imposto, teleológico e causal, escolhido e determinado, aleatório e padronizado, contingente e obediente à lei, criativo e rotineiro, inovador e repetitivo — em suma, entre a autoafirmação e a regulação normativa.

Com isso o colonizador pleiteia uma cultura única e estabilizada, que não esteja em perigo frente à cultura do outro, do considerado sem cultura, do visto como um ser destituído de qual forma de civilização.

Dany explora em seu romance estas questões quando mostra o relacionamento de dois negros com jovens que jamais cumprimentariam um negro pobre e diaspórico. Na referência que o personagem Vieux faz da garota chamada Miz Literatura, Laferrière (2012, p. 38) destaca que: “O que ela faz aqui, ela só faria por um branco com uma arma encostada na cabeça, e ainda assim não faria nem um décimo”. Com isso o autor busca através das relações sexuais igualar as raças, numa dança de corpos que se dão ao prazer sem pensar a qual classe ou cultura pertencem.

Dessa forma os personagens do romance, Vieux e Buba passam a ser objeto de desejo das estudantes brancas de classe, reprodutoras de uma cultura colonizadora, que vê o sujeito diaspórico como um ser subalterno, sem uma cultura ou identidade e como um ser criado para servir a seus desejos mais secretos, de destituir o sujeito da diáspora de uma identidade cultural em nome de uma tradição que pensa que é superior a outras culturas.

Hall (2003, p. 73) ressalta que:

[...] a tradição cultural satura comunidades inteiras, subordinando os indivíduos a formas de vida sancionadas comunalmente. Isto é contraposto a “cultura da modernidade” — aberta, racional,

universalista e individualista. Nesta, os vínculos culturais particulares devem ser deixados de lado na vida pública — sempre proclamados pela neutralidade do estado civil — para que o indivíduo fique formalmente livre para escrever seu próprio script.

Essa relação de dominação do outro cria uma nova relação de dominado para dominador através das relações que desenvolve com estudantes brancas, como forma de subjugar uma cultura racista e segregadora.

## A identidade na diáspora

A diáspora, seja ela dentro e fora do país, sempre, traz um conflito quanto à identidade do sujeito e sua tradição cultural, pois esse espaço de tempo em que o sujeito migra ou imigra traz para ele novas experiências de vida, novos contextos políticos e culturais, que de alguma forma influenciam nessa nova identidade na diáspora.

Para Hall (2003, p. 260):

Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição, conferindo-lhe uma nova ressonância ou valência cultural.

Mesmo tendo suas tradições, suas crenças e sua bagagem cultural formada, o sujeito diaspórico vai construindo uma identidade multicultural, mas sem deixar que a sua cultura seja negada pelo outro. Como forma de manutenção da sua identidade cultural este utiliza da língua, dos costumes, da dança e da escrita para propagar e hibridizar a cultura do

Outro. Em meio as relações de alteridade vivenciadas no país de exílio, Laferrière (2012, p. 43) destaca que nesse espaço o negro diaspórico revive alguns traumas do passado:

Penso em minha cidadezinha no fim do mundo. Em todos os negros que partiram em busca da riqueza dos Brancos e voltaram gagos. Não sei por que — isso não tem nada a ver com o que está acontecendo agora — penso em uma música que ouvi a muito tempo.

Assim, o negro diaspórico vai rememorando sua história, as lutas que seu povo travou por uma vida melhor e a visão do negro apenas como objeto de desejo. Esse processo de recepção da cultura e da identidade do outro não é algo bem visto pelo Colonizador, já que acaba por deturpar parte de uma herança cultural “sólida”, patriarcal e segregadora, que se diz moderna para os avanços tecnológicos, mas por outro lado vê com maus olhos uma cultura que é diferente da sua.

Sobre esta construção de cultura nacional por parte do colonizador, Hall (2006, p. 58) diz que: “Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada”: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”. Com isso o sujeito vai assumindo diversas identidades de acordo com o ambiente e a época em que está vivendo, a identidade agora deixa de ser imutável e estática, repassada apenas pelo seu grupo familiar, ela passa a se constituir das relações deste com outros grupos de diferentes locais e países.

Esse choque de culturas faz emergir uma crise identitária nesse sujeito, que agora faz parte de inúmeras culturas, mas que como revide ao colonizador não se sujeita a essas culturas, porém as incorpora de uma forma hibridizada, tentando dessa forma, se afirmar entre o mundo real e o cultural.

Há que se questionar se todas essas identidades que o sujeito assume podem torná-lo um ser dividido entre sua cultura e outras culturas. Será que este consegue absorver elementos de outra cultura que vão de encontro com seus objetivos de vida, seu posicionamento político e suas crenças?

Esses questionamentos trazem à tona um conflito que o sujeito vive na diáspora, produto de um mundo pós-moderno, que prevê uma identidade fixa e única, que molda este sujeito de acordo com o que Hall (2006) chama de “identidade unificada”. Que para ele produz um choque de identidades, já que dentro de nós projetamos e vivemos conflituosamente com inúmeras identidades. Essas identidades se conflitam, mas também se hibridizam, formando uma identidade multicultural constituída de diversas faces.

## Considerações finais

A escrita de Laferrière se constitui e cria um enredo tensivo que subjuga a escrita dessa nova nação -o Canadá-, a qual não demonstra certa receptividade a esta escrita de migração. Ao mesmo tempo o autor cria um novo espaço para escrita de fronteira, um lugar onde se pode desconstruir e reconstruir o discurso politicamente certo, o discurso que tem uma carga histórica de discriminações e conflitos entre ricos e pobres, negros e brancos, senhores e serviçais, entre o diferente da cultura do Colonizador.

Laferrière tenta com este romance forjar ironias através da maneira como as pessoas brancas se relacionam com um negro, pobre e diaspórico, fazendo com que esta nova nação vivencie uma miscigenação de sua cultura e de suas crenças, mesmo que indiretamente esta não seja a vontade expressa desse povo.



Desta forma, este tipo de escrita, mediante um processo de apropriação de elementos de várias culturas — americana, haitiana e francesa — vai reconstruindo a identidade cultural desse sujeito da diáspora, trazendo elementos do passado para presente, buscando assim recriar um novo presente.

Com isso a escrita de Laferrière vai construindo outra história diferente da que fora imaginada antes de vivenciamos o processo de diáspora, onde pleiteavam uma nação utópica, onde todos os seus problemas seriam resolvidos, aonde todo o sofrimento de guerras e ditaduras, vai dessa forma reconstruindo a identidade cultural sem deixar de lado elementos da sua cultura, traduzindo o passado para o presente, questionando o ver do colonizador sobre o colonizado. Para Hall (2003, p.28) a identidade cultural faz parte de nosso ser, se constitui no nosso gene, não pode ser transmutada por uma nova vivência ou uma nova cultura:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja, fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.

Entende-se assim, que a experiência do sujeito da diáspora nesse constante deslocamento é algo traumático que traz à tona fantasmas do passado, quando sua terra natal fora invadida e colonizada por europeus e americanos, quando boa parte da sua identidade cultural fora roubada, onde novas culturas foram construídas e impostas pelo Coloniza-

dor, como uma forma de levar o conhecimento para os considerados ignorantes e sem cultura. Traz consigo o desejo de pertence a um lugar, de fazer parte desse povo que o acolheu, mas traz consigo o desejo de solidificar sua cultura e suas raízes nessa nova terra, sem carregar consigo uma visão estereotipada da visão que o Outro tem desse sujeito diaspórico.

## Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BONNICI, Thomas. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine Laguarda Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- LAFERRIÈRE, Dany. *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. Trad. Heloisa Moreira e Constança Vigneron. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

[Recebido: 19 jan. 2016 — Aceito: 16 mar. 2016]